



Futebol em tradução: Língua nacional e estilo de jogo em relatos da imprensa argentina nos anos 20

CHRISTIAN L. M. SCHWARTZ

Universidade de São Paulo

RESUMEN. En este artículo se analiza el diario argentino *Crítica* para un estudio de los informes de prensa sobre el fútbol como narraciones de la consolidación de una lengua nacional y de un supuesto estilo de juego que *se traduce*, por así decirlo, en aquella misma lengua – traducción, para Maingueneau, de un *discurso primero* (del fútbol) por un *discurso segundo* (de la prensa). Nuestros comentarios se centrarán en textos seleccionados de *Crítica*, el periódico más popular en Argentina en los años veinte del siglo pasado y el primero en el país que dedica atención masiva al fútbol. Después de ilustrar la rivalidad entre Argentina y Uruguay como se describe en las páginas de *Crítica*, vamos a analizar los comentarios del periódico sobre las visitas de los clubes británicos Plymouth Argyle y Chelsea a Buenos Aires, respectivamente en 1924 y 1928, para jugar partidos contra un embrionario equipo nacional argentino.

PALABRAS CLAVE: *fútbol y estilo de juego, lengua nacional, prensa argentina*

RESUMO. Este artigo faz uso do diário argentino *Crítica* para uma análise de relatos de imprensa sobre futebol como narrativas da consolidação de uma língua nacional e de um suposto estilo de jogo que é *traduzido*, por assim dizer, naquela mesma língua – tradução, nos termos de Maingueneau, de um *discurso primeiro* (o do futebol) por um *discurso segundo* (o da imprensa). Nossos comentários se concentrarão em textos escolhidos do jornal *Crítica*, o mais popular da Argentina na década de 20 do século passado e o primeiro, naquele país, a dedicar ao futebol atenção massiva. Depois de ilustrarmos a rivalidade entre Argentina e Uruguai conforme era tratada, à época, nas páginas de *Crítica*, analisaremos os comentários do jornal sobre as visitas dos clubes britânicos Plymouth Argyle e Chelsea a Buenos Aires, respectivamente em 1924 e 1928, em turnês para jogos contra um então embrionário selecionado nacional argentino.

PALAVRAS-CHAVE: *futebol e estilo de jogo, língua nacional, imprensa argentina*

ABSTRACT. This paper focuses on the Argentinian daily *Crítica* in order to describe press reports on soccer as narratives which serve to consolidate both a national language and a soccer style, as it were, *translated* through that very language – a translation, according to Maingueneau, of a *primary discourse* (that of soccer) by a *secondary discourse* (that of the press). Our comments will concentrate on assorted texts of *Crítica*, the most popular newspaper in Argentina in the 1920s and the first to give massive coverage to soccer in that country. After a look at the Argentinians' rivalry with the Uruguayans as it appeared on *Crítica's* pages, we analyze the commentaries on the tours of the British clubs Plymouth Argyle and Chelsea in Buenos Aires, respectively in 1924 and 1928, to play against a then embryonic Argentinian national team.

KEYWORDS: *soccer and style of play, national language, Argentinian press*

Recibido: 15 de diciembre de 2014 • Aceptado: 1 de abril de 2015.

Introdução

Quando se lê a frase “futebol em tradução”, que dá título a este artigo, a primeiríssima interpretação é de que se tratará das peculiaridades na transposição, de uma língua a outra, da terminologia do futebol – de seu *linguajar*, chamemos assim, para logo diferenciá-lo de *linguagem*, este um termo fundamental para nós.

O que pretendemos aqui, porém, é olhar para a questão da perspectiva inversa: não numa tentativa de entender como a língua-ela-mesma tem de se adaptar para ser capaz de descrever o futebol, mas como o futebol, ele próprio um *discurso primeiro*, passa por interpretações nas quais é moldado e imaginado na língua como tal – e o que é uma tradução senão esse moldar e imaginar pela língua, em particular pela escrita?

Não devemos, portanto, procurar os chamados estilos de jogo no gestual do futebol em si – até porque não há suficiente registro iconográfico (e particularmente de imagens em movimento) das formas do esporte em seus primórdios, e mesmo de décadas mais recentes; tampouco podemos nos limitar, nessa investigação, aos relativamente poucos sistemas táticos verdadeiramente dignos de nota ao longo da moderna história do futebol. Estilos de jogo, gostaríamos de argumentar, não têm a ver – ou não principalmente – com diferenças técnicas (em última análise, uma característica *individual*) ou escolhas táticas.

Em outras palavras, as diferenças perceptíveis na habilidade de jogadores e nos poucos sistemas táticos historicamente identificáveis têm muito menos a dizer sobre os significados do jogo, sobre o futebol como *linguagem*, do que as *práticas discursivas* acerca dos acontecimentos em campo – para não mencionar o fato de que não há, em absoluto, correspondência permanente entre padrões técnicos e táticos e este ou aquele time ou seleção.

O que não significa, por outro lado, que as identidades de dois times em confronto possam ser reduzidas à diferença entre seus uniformes – embora uma primeira leitura do que se passa em campo dependa dessa diferenciação. Mas as diferenças de que falamos aqui tampouco se revelam assim, a olho nu; necessariamente exigem ser *comentadas*.

Nesse ponto, é importante esclarecer que, para a análise aqui proposta, definiremos tradução precisamente como *comentário* ao original do qual se traduz – uma definição possível (ainda que controversa), segundo os estudos da tradução. A tradução de um texto, propriamente dito, mesmo não sendo uma operação de simples substituição palavra por palavra, obriga-se a certa correspondência regrada em relação ao original. Traduzir de outra linguagem – a do futebol, mas poderia ser a da música ou a das artes plásticas – para o código verbal do texto impresso, um procedimento a que chamaremos *transmutação* (Eco 2007), se faz com regras bem mais flexíveis, e aqui tradução como comentário se torna uma definição aceitável, menos controversa.

Porém, ao contrário do texto crítico que traduz uma peça musical, um quadro ou uma escultura, o texto que traduz uma partida de futebol

necessariamente conta uma história. O acontecimento futebolístico nunca é narrado em termos absolutos: não tem a presença, ou a aura, do original em outras artes – até porque, já dissemos, os arquivos do discurso primeiro são escassos, daí não haver sentido em tentar cotejá-lo diretamente com sua tradução, único material disponível, de fato, para uma análise do discurso.

Ou seja, o acontecimento futebolístico nunca se esgota em si mesmo; seu sentido só se realiza plenamente na história que ajuda a contar. Há quem defenda sua apreciação puramente estética, mas o que faz do futebol uma linguagem tão amplamente difundida (e traduzida) é, sem dúvida, seu enraizamento histórico-cultural.

Estilos são, portanto, apenas *narrativas*; e narrativas *nacionais*, uma vez que o que se chama de estilo é sempre, a princípio, uma característica nacional (e não clubística ou local), numa interessante deriva da ideia de *comunidades imaginadas*, do historiador britânico Benedict Anderson (2008).

O jornal argentino *Crítica* circulou entre 1913 e 1962. Ora, esse é o período, segundo Giulianotti (2002), da consolidação das nações futebolísticas. Investiga-se, pois, a formação dessa comunidade imaginada em particular, a argentina, e de uma das principais manifestações de sua cultura: suas *narrativas do estilo no futebol*.

Para isso, o trabalho coloca algumas questões: como se lê e traduz o futebol em situações como as da cobertura de *Crítica*? Ainda: aquela embrionária seleção argentina –na verdade um combinado de jogadores dos times de Buenos Aires apenas– era considerada representativa do verdadeiro estilo do país? E, do outro lado, os oponentes britânicos –clubes, não uma seleção nacional– foram vistos em algum momento como representantes de uma *nação* adversária?

Uma breve explicação das ideias de Benedict Anderson talvez ajude a situar teoricamente a problemática do artigo –expressa nas perguntas acima– e, ao mesmo tempo, a enfatizar a opção, aqui, por uma análise que, mais do que se debruçar sobre aspectos puramente linguísticos, faz uma reflexão sobre história, tradução cultural e discurso.

Segundo o historiador britânico (Anderson 2008), houve um tempo em que o gesto de abrir um jornal para ler lançou as bases para a formação das nações. Inspirado no filósofo alemão Hegel, para quem os jornais, no século 19 europeu, passaram a ser a oração matinal do homem moderno, Anderson propôs a teoria em que investiga a consolidação das nações a partir da emergência de um fenômeno próprio das modernas sociedades capitalistas: a leitura simultânea, numa língua comum, de jornais e romances por um número crescente de concidadãos, o que, na Argentina dos anos 20, era uma realidade da qual os próprios números de *Crítica*, veremos, dão prova.

Crítica parece indicar que a aquela era uma sociedade em pleno processo de letramento. E sobre o que lia a nação em formação? Muito sobre futebol,

embora reconheçamos, adiante, o papel de outras instituições (escola e exército à frente) na difusão de uma simbologia nacional e na divulgação de outros textos, literários em particular, empenhados na argentinização de uma sociedade tão diversa e imigrante.

O gesto sincronizado da leitura de jornal –e veja-se a semelhança com o torcer por um time ou por uma seleção– lança os concidadãos numa realidade imaginada que é a refração de acontecimentos de interesse comum no raio de alcance da língua impressa de determinada comunidade. Um estilo próprio, nacional, no futebol aparece como um dos assuntos mais recorrentes nesse encontro virtual, via vernáculo impresso; e, para além das chamadas quatro linhas, só ganha sentido pleno numa sequência narrativa midiática e enraizada historicamente. As narrativas do estilo constroem um enredo comum, essa espécie de folhetim permanente e amálgama das identidades comunitárias.

1. “Discurso primeiro” e “discurso segundo”

É, portanto, na enunciação propriamente discursiva que encontraremos o que procuramos: supostos estilos de jogo. Segundo a definição de Maingueneau, *enunciado* é aquilo que tem “o valor de frase inscrita em um contexto particular”, ao passo que, ainda com o mesmo autor, diremos de uma unidade de análise que ela é um *texto* “quando se tratar de unidades verbais pertencentes a um gênero de discurso” (2004: 57). Estes, por sua vez, se diferenciam num quadro maior de tipos comunicacionais:

As tipologias dos gêneros de discurso se contrapõem, desse modo, às tipologias comunicacionais por seu caráter historicamente variável. Em toda sociedade, seja qual for a época, encontramos categorias tais como “didático”, “lúdico”, “prescritivo” etc., enquanto o *talk-show* ou o editorial nada têm de eterno. Poderíamos, assim, caracterizar uma sociedade pelos gêneros de discurso que ela torna possível e que a tornam possível. (Maingueneau 2004: 61, grifo nosso)

Um artigo de jornal sobre futebol, nesse esquema, é um *gênero de discurso* no interior de um *tipo de discurso*, o da imprensa escrita, que por sua vez integra um conjunto mais vasto, um tipo de discurso mais amplo, o midiático. Variáveis historicamente, apenas mais ou menos fixos e nem um pouco eternos, conforme frisa Maingueneau, os gêneros discursivos têm, portanto, relação direta com as *situações de comunicação*; e, conquanto resultem de certa configuração de sociedade, reciprocamente “a tornam possível”, já sublinhávamos na citação acima. Maingueneau exemplifica com o gênero do *fait divers*: o *fait divers*, explica, “aparece nas sociedades em que há uma imprensa escrita de grande tiragem: num vilarejo, o boato é suficiente para divulgar as notícias” (Maingueneau 2004: 61).

Ora, é precisamente esse tipo de convergência entre situações de comunicação como a que Maingueneau acaba de descrever e determinados grupos

humanos –uma nação, ou até mesmo uma torcida– o que constitui, simultaneamente, comunidades e formas de expressão, ou seja, gêneros de discurso mais ou menos definidos que dão forma à natureza, em última análise, imaginada das comunidades.

Assim, o gênero em que nos concentraremos em nossas análises –o relato de imprensa sobre jogos de futebol– é, em certa medida, *constituente* da própria realidade de que fala; e, de fato, Maingueneau (2010: 161) postula “uma distinção implícita entre os discursos paratópicos –os discursos constituintes– e os discursos ‘tópicos’, isto é, o restante da produção discursiva da sociedade”. A seguir, o autor esclarece, quanto aos discursos constituintes, que

seu estatuto determina que eles só podem se autorizar por si mesmos, ou seja, não podem ter outros discursos acima de si. Fiadores das múltiplas práticas discursivas de uma sociedade, eles dão sentido aos atos de seus membros. Assim, o jornalista envolvido em um debate social recorrerá à autoridade do cientista, do teólogo ou do filósofo, mas essa relação não poderia se inverter. (Maingueneau 2010: 158).

Ou seja: “Na versão ‘clássica’ da paratopia, [...] os discursos constituintes são discursos que constroem identidades fortes, ancoradas em um Absoluto cujos poderes devem ser captados por modos de enunciação apropriados”, prossegue o mesmo autor; e emenda com a ressalva que aqui nos interessa: “Ora, quando se observa o mundo contemporâneo, percebe-se que existem conjuntos de práticas discursivas que constituem problema” (Maingueneau 2010: 164).

[...] podemos citar o mundo do esporte e, em particular, o do futebol, que se associa a comunidades devotas, a peritos comentadores, a rituais, a conflitos simbólicos entre posicionamentos. Uma quantidade crescente de jornais e de programas de televisão é consagrada à gestão do comentário futebolístico. São transmitidos inúmeras vezes na televisão os mais belos gols, os quais são analisados como se fossem citações célebres, conta-se a vida dos grandes jogadores, que participam de uma espécie de panteão e que se veem dotados de uma autoridade moral que vai muito além de suas competências estritamente esportivas. Com o tempo, constrói-se uma memória discursiva que alimenta o comentário dos novos peritos. (Maingueneau 2010: 164-5)

Ainda segundo Maingueneau, que destaca o domínio discursivo da música popular como caso semelhante, “estamos aqui diante de práticas discursivas que implicam uma distinção essencial entre discursos primeiros (gravação de canções ou de partidas esportivas) e discursos segundos (assumidos por peritos que os comentam)”, daí o autor se referir a essas práticas como “sombras” dos discursos constituintes. E novamente constatar: “Encontramo-nos diante de um dilema: por um lado, é claro que não se trata de um conjunto de práticas decorrentes de um discurso constituinte; por outro, parece difícil refletir sobre esse tipo de fenômenos sem os remeter aos discursos constituintes” (Maingueneau 2010: 165).

Acreditamos que a solução para tal dilema –o dilema de constatar que, ainda que apenas sombra de um discurso constituinte, o domínio discursivo do futebol tem peso considerável nas definições de identidade do mundo real– possa estar, precisamente, em pensá-lo em termos de tradução/interpretação do *discurso primeiro* pelo *discurso segundo*.

Para Damo (2005:31) , “[...] existe uma narrativa constituída pela ação dos jogadores, uma trama *ad hoc*, à qual corresponde uma série de outras narrativas produzidas simultaneamente ou não”. Estendendo o raciocínio já ao domínio dos estilos:

O estilo local ou nacional que se reivindica nem sempre corresponde, longe disso, à prática real dos jogadores, mas antes à imagem estereotipada, enraizada na duração, que uma coletividade faz de si mesma e deseja transmitir. O que tem menos a ver, portanto, com a maneira que aqueles homens têm de jogar (e viver) do que com a maneira como gostam de contar que joga seu time (ou se passa sua existência). (Damo 2005: 321)

E Damo (2005) faz, por fim, uma bela síntese que encaminhará nossa metodologia:

A posição de Bromberger é pouco otimista em relação à correspondência entre uma espécie de narrativa corporal, dada pela maneira como os jogadores dispõem de seus corpos, e a maneira como o jogo é interpretado, a partir de estruturas e de procedimentos discursivos diversos. Há, na posição de Bromberger, ao menos duas ordens de práticas discursivas em torno de uma configuração futebolística. Uma delas, realizada dentro de campo pelos atletas, sob o constrangimento de códigos pré-estabelecidos, dados pelas regras do jogo e pelos valores do esporte como espetáculo. A outra, desencadeada nas arquibancadas, ou mesmo distante dos estádios, correspondendo às narrativas dos torcedores e mediadores especializados. [...] Ao autonomizar as narrativas, institui não apenas uma descontinuidade discursiva e, portanto, interpretativa, senão que pressupõe a possibilidade de haver uma pluralidade de discursos sobre o mesmo objeto, seja ele um jogo, uma sequência dentro do jogo ou um lance, como um drible, por exemplo, um gol como o de Maradona com a mão contra os ingleses na Copa de 1986 não seria a quintessência da malandragem brasileira? [...] Há um jogo, uma dada estrutura agonística e o engajamento: os torcedores co-atuam, jogam um jogo imaginário, acertam os lances que os jogadores erram, realizam outros que estes são incapazes ou são impedidos de realizar, não raro às vésperas e depois do evento propriamente dito. Trata-se de uma outra perspectiva estética, de modalidades de experiências distintas, significadas a partir de referenciais distintos. (Damo 2005: 322)

O que propomos, finalmente, é uma metodologia de tradução/interpretação dos estilos pelo que são, concretamente: discursos inscritos em determinados gêneros, os quais respondem a uma configuração midiática que, por sua vez, molda os agrupamentos humanos pela imaginação comum. Se formos capazes de extrair o essencial desses discursos, será como tocar a realidade fundamental

das comunidades que os proferem. Os estilos em que essas comunidades se imaginam – e “jogam um jogo imaginário”, nas palavras de Damo, constituindo essa realidade própria que pretendemos tocar– transcendem o *discurso primeiro* do gesto e da tática, sofrendo uma espécie de refração no *discurso segundo* que é sua tradução/interpretação.

2. *Língua nacional e estilo de jogo: uma análise “sintática”*

Richard Giulianotti (2002), no que define como “o processo de construção de um ‘significado’ ou de uma ‘identidade’”, elege dois princípios de investigação: “*semântica* (estabelecer o que alguma coisa é em si mesma) e *sintaxe* (estabelecer o que ela não é)” (Giulianotti 2002: 25, grifos originais).

A sintaxe, na construção de um suposto estilo próprio, diz respeito a “como o jogo é enraizado em oposições binárias e rivalidades na maior parte das sociedades” (Giulianotti 2002: 25). Giulianotti explica:

O drama diádico do futebol acontece em muitos níveis: jogadores, times, clubes e países. Cada jogador está comprometido a uma batalha pessoal com seu “número oposto” [...].

Da mesma maneira, os clubes de futebol estabelecem identidades culturais por meio da rivalidade e da oposição. [...]

Os significados dessas rivalidades do futebol tenderam a ser corroborados por divisões históricas e culturais mais profundas. Classicamente, a oposição é reforçada por chauvinismos locais que são mapeados em termos espaciais. (Giulianotti 2002: 26)

Esse último ponto é, em seguida, esclarecido pelo autor: “Em cidades de apenas um clube, rivalidades espaciais intensas podem emergir como disputas para representar regiões provinciais. [...] Em nações menores, essas rivalidades podem aumentar como disputas para representar a nação” (Giulianotti 2002: 27). “Finalmente, as dimensões altamente competitivas do futebol manifestam-se por meio de antagonismos nacionalistas e rivalidades internacionais.” (Giulianotti 2002: 29)

Buscamos, pois, aqueles relatos escritos e publicados no calor da hora, por assim dizer, de confrontos significativos entre argentinos e uruguaios e, de passagem, brasileiros também (mas igualmente entre os primeiros e os ingleses, inventores e primeiros difusores do futebol moderno) em termos das variáveis aqui em jogo: nação, língua, cultura, estilo.

O material pesquisado contempla as páginas esportivas de *Crítica* ao longo dos anos 20 do século passado, concentrando-se nas datas em que ocorreram os confrontos significativos de que falamos: os anos de 1924 e 1928, em que argentinos e uruguaios participaram com sucesso nos torneios olímpicos de futebol e, simultaneamente, clubes britânicos visitaram Buenos Aires para jogos contra um então embrionário selecionado argentino. A partir dessa seleção de

datas e da leitura exploratória de todo o arquivo,¹ faz-se a análise de conteúdo dos textos escolhidos – na íntegra e em contexto, ainda que por vezes sejam enfatizadas apenas manchetes, chamadas ou legendas.

Primeiro jornal de massa da Argentina, muito por conta de sua atenção ao futebol, o diário *Crítica* teve ascensão fulminante na década de 20, ao final da qual, lembra Saítta (1998: 14), atingia “a mítica cifra de ‘cem mil exemplares por hora’”, conforme alardeava o próprio jornal, tirando até seis edições diárias – a segunda ficou célebre pela cobertura futebolística “em cima da hora”, com resultados e análises.

Relata ainda Sylvia Saítta:

[...] já em 1921, *Crítica* informa que o pico de tiragem de 62.000 exemplares “se deve aos rapazes dos esportes. Eles produziram ontem a melhor crônica do dia sobre o Campeonato Sul-Americano de futebol. Dez minutos depois de terminada a partida, saía nossa segunda edição [...], com uma informação completíssima, minuto a minuto, lance por lance, detalhe por detalhe. Quarenta e cinco minutos mais tarde, tempo que se aproveitou para que nossa rotativa despejasse jornais por suas duas bocas à razão de 50.000 exemplares por hora, saía nossa terceira edição, ilustrada, do grande jogo disputado em Barracas. Ou seja: uma hora depois de terminada a primeira etapa do Campeonato Sul-Americano de futebol, o público tinha acesso às imagens dos lances da partida, à vista panorâmica do estádio com seus 40.000 espectadores etc.” (Saítta, 1998: 96)

Saítta aponta para outro detalhe crucial da ligação do jornal com o esporte então em vias de se tornar altamente popular: “Embora o grande interesse de *Crítica* pelo futebol em meados dos anos vinte atendesse à demanda de um público cada vez maior, é preciso destacar que, em 1926, Natalio Botana, fundador e dono do jornal, se torna presidente da Asociación Argentina de Football, o que lhe permite organizar grande quantidade de partidas” (Saítta 1998: 97).

Embora Botana, dirigindo uma das então duas ligas rivais que competiam pelo domínio da organização nacional do esporte, tivesse interesse em criar a imagem de um *povo* (ou, como veremos, dois *povos irmãos*) em torno de uma prática futebolística supostamente distintiva, seu jornal contribuiu também para as rivalidades locais. Conforme observa Frydenberg (2011: 154): “A rivalidade no futebol, tal como incorporada ao processo de sua popularização desde princípios do século XX, contribuiu plenamente para o nascimento dos imaginários bairristicos”. E prossegue o autor, destacando o papel central de *Crítica* nessa história:

Desde o final da década de 1910, alguns periódicos começaram a empregar esse argumento como uma (real ou suposta) maneira de atrair público aos estádios. Essa sensibilidade, que unia inimizade e futebol, se cristalizou nos anos 20 e foi elemento constitutivo da identificação territorial. Em meados da década, *Crítica* tematizava essa dupla rivalidade (futebolística e territorial) mais ou menos sistematicamente. (Frydenberg 2011: 154)

Ao contrário do que poderia parecer à primeira vista, porém, essa estratégia revertia, nas páginas do jornal, em discurso no mais das vezes nacionalista. Isso se dava pelo que o mesmo Frydenberg chama de uma “aliança vertical entre o bairro e a representação nacional”. Vejamos como ocorria a partir do trabalho de outra figura de destaque em *Crítica*: Hugo Marini, o primeiro setorista –repórter, depois editor e colunista, dos mais longevos profissionais do jornal– enviado ao exterior para acompanhar campeonatos (o Sul-Americano realizado no Rio, em 1922, por exemplo,) e, em seguida, um time argentino em turnê, não a seleção, desta vez, mas o Boca Juniors, em viagem à Europa no primeiro semestre de 1925.

“Durante a turnê do Boca [...]”, comenta Frydenberg (2011: 250), “*Crítica* lançou uma campanha para transformar o clube num representante do típico ‘nacional’. A tentativa de tornar uma parcialidade futebolística numa totalidade a nível nacional se mostrou uma tarefa complicada e de êxito parcial.” O que não impediu o diário de pregar, em várias ocasiões (e muitas vezes pelas mãos do próprio Marini), que “o essencial e comum a todos era a experiência que vinculava o ambiente bairristico ao futebol, experiência que [...] representava a totalidade do ‘nacional’” (Frydenberg 2011: 250).

Em suma: “O nacional nascia do pequeno, local e urbano, não era fruto de nenhuma operação abstrata e mais ou menos forçada de criação de cenários. A rivalidade [bairristica] aí inerente era um estímulo [...]” (Frydenberg 2011: 254). Maior concorrente de *Crítica* à época (embora com muito menor tiragem), a revista *El Gráfico*, ao contrário, difundia como tipicamente nacional a imagem mítica do jogador *criollo*, descrito, ademais, num registro demasiadamente intelectualizado para atingir um leitorado de massa, aspecto fundamental de nossa análise.

Ao longo da década de 20, o espaço do futebol aumentou gradativamente em *Crítica*, saindo de uma página diária, *El football al día*, sem chamadas de capa (a não ser em segunda edição), para esporádicas duas páginas sob o título de *Football y los demás deportes*, agora com primeira página, até se chegar a um protocaderno de esportes, *Crítica Deportes*, consolidado ao final da década e nas décadas seguintes.

Na altura de 1928, quando Argentina e Uruguai se enfrentaram na final das Olimpíadas de Amsterdã (maior acontecimento, pode-se dizer, do início da modernidade do jogo na América do Sul), o diário de Botana propagandeava em informe/anúncio de primeira página:

Actualmente CRÍTICA, y lo sabe el público muy bien, es el único diario que tiene en el gran estadio de Amsterdam un experto en fooball y deportes en general [o supracitado Hugo Marini]. De ahí que sus informaciones, crónicas y comentarios sean los más veloces y, sea dicho sin jactancia, los mejores [...] (*Crítica*, 31/5/1928, primeira página).²

Ao que se seguia uma chamada a que o público acompanhasse, no rádio e em alto-falantes instalados na sede do jornal, a transmissão das últimas notícias, enviadas por cabo pelo correspondente.

O ano era 1920 e o jornal de Buenos Aires já marcava posição em relação aos vizinhos brasileiros: por ocasião da visita de um selecionado nosso, o diário portenho publicou um célebre texto em que anunciava em manchete a presença de “*Monos en Buenos Aires*” (“Macacos em Buenos Aires”), com direito a ilustração de uma delegação de símios a caráter, em uniformes de futebol os jogadores, de fraque e cartola os dirigentes. Um incisivo primeiro parágrafo dizia:

Ya están los macaquitos en tierra Argentina. [...] Los hemos visto pasear por esas calles a los saltitos. [Proseguia o texto:] Si alguna gente nos resulta altamente cómica es la brasileña [sic]. Son elementos de color que visten como nosotros y que pretenden confundirse en la raza americana, gloriosa por su pasado y grande por sus tradiciones (*Crítica* 3/10/1920, p.2).³

O caso teria desdobramentos imediatos (curiosamente, uma punição fiscal ao jornal, e recusa de boa parte dos jogadores brasileiros a entrar em campo na partida combinada, por fim disputada com sete contra sete), mas nosso interesse se volta, aqui, para esse discurso de diferenciação do que o texto chama de “raça americana”, leia-se argentinos e uruguaios. Pois, àquela altura, se havia rivalidade futebolística era entre esses dois países, o Brasil pouco enfrentara (e geralmente sem sucesso) tanto um quanto outro, os quais entre si já levavam uma história de confrontos de quase vinte anos.

E, no entanto, na primeira grande aparição do futebol sul-americano fora do continente –Uruguai campeão dos Jogos Olímpicos de Paris, em 1924– *Crítica* celebrava os vizinhos e rivais com títulos como *La victoria de los uruguayos es algo nuestro* (“A vitória do Uruguai é algo nosso”)⁴ e *Consagró-se el football del Río de la Plata* (“Consagrou-se o futebol do Rio da Prata”).⁵ Um editorial publicado na ocasião *Uruguay campeón* [“Uruguai campeão”]) avaliava e se comprazia:

Un campeonato universal tiene importancia indubitable. Da prestigio al país que lo posee y al mismo tiempo es un estímulo que intensifica la práctica de los ejercicios sanos. El triunfo es nuestro, también, y de todos los pueblos sudamericanos, porque en tal forma demostramos el vigor, la destreza, la habilidad de una raza joven que trabaja con entusiasmo en todos los órdenes de la vida. [...]

El pueblo argentino se adhiere entusiasta al clamoreo de júbilo que levantan en estos momentos las multitudes uruguayas. [...] (*Crítica* 9/6/1924, p.2).⁶

Surge aí, timidamente, a separação entre argentinos e uruguaios, mas claramente o discurso do jornal é o da união dos dois povos. Há de ter contribuído para isso, evidentemente, o fato de que Natalio Botana era, ele próprio, originário da outra margem do Rio da Prata. Mas permanece a constatação mais importante para esta análise: *Crítica*, com seus milhares de exemplares

distribuídos a cada hora, e único veículo a cobrir futebol para tamanha audiência, representava um discurso dominante na formação da moderna nação argentina – e esse discurso, em plena temporada de delimitação de fronteiras, tanto histórico-culturais quanto futebolísticas, vinha borrá-las aos olhos da comunidade imaginada de seus leitores. Talvez caiba destacar: leitores, assim como os uruguaios, do vernáculo espanhol.

Mais significativo é o que se passou quatro anos mais tarde, em Amsterdã, quando Argentina e Uruguai vieram a disputar o título olímpico de 1928. Diante de mais uma vitória uruguaia, *Crítica* sustentou firme o discurso que privilegiava o regional sobre o nacional:

Nosotros, como cumple a nuestra caballerosidad deportiva, saludamos con júbilo a los triunfadores, reconociendo una victoria que, obtenida por uno u otro bando, siempre habría de satisfacer al espíritu continental que hizo prevalecer el football de esta parte del mundo sobre el europeo y que, finalmente, hubo de definirse [...] entre los equipos rioplatenses. [...] nuestro saludo a los campeones olímpicos, ya que su victoria es doblemente grata, puesto que para obtenerla hubieron de luchar con los argentinos hasta imponer la superioridad del football rioplatense sobre el football amateur de Europa y el resto de América (*Crítica* “Ganharam o título” 13/6/1928, p.1).⁷

Uma enquete publicada às vésperas da partida decisiva, porém, deixa entrever um interessante contradiscurso, e nas páginas do próprio jornal, o qual, por sua vez, apresenta essas outras vozes sob a justificativa de que *¿Tienen derecho a opinar!* (“Têm direito a opinar”, título da coluna).⁸ E o que é mais curioso: a abordagem aos quatro representantes das classes trabalhadoras –apesar do que diria, depois do jogo, o diário, e do que vinha dizendo havia anos– será a do nacionalismo mais derramado, até um pouco agressivo. Em consonância, aliás, com a opinião dos próprios leitores quanto ao moderno confronto entre nações no palco distante das Olimpíadas.

O “garçom de café” Claudio Castelar manifesta a opinião de que “no pueden hacernos nada los uruguayos” (“não podem conosco os uruguaios”) porque “nuestros jugadores criollos son capaces de hacer dibujitos con la pelota” (“nossos jogadores *criollos* são capazes de desenhar com a pelota”); e veja-se, entretanto, a maneira como o redator de *Crítica* apresenta o personagem: “tiene un acento que denota su parentesco de patria con el otro Castelar” (“tem um sotaque que denota seu parentesco de pátria com o outro Castelar”), em referência ao fato de o garçom ser provavelmente espanhol.

A separação linguística –e que, aparentemente, coloca os entrevistados sob suspeição pelo próprio jornal, agora agressiva e subitamente nacionalista– é ressaltada ainda mais no caso do garí Andrés Pietropaolo, de quem o diário relata ter ouvido as opiniões “en una media lengua, de la que traducimos” (“numa

língua intermédia, da qual traduzimos”). O que diz o entrevistado está resumido no título que dão a seu depoimento: “Noialtri lo criollo”; Pietropaolo era o segundo a exaltar, à sua maneira, o “crioulismo” que seria expressão original do futebol local – e, mais importante, vê a si próprio como *criollo*, em seu peculiar modo de autorreferência a um “nós” (*noialtri*), os argentinos.

Nesse ponto, o papel de outras instituições de controle público aparece como fundamental. Conforme lembra Menezes (2012: 33-4), “a Argentina adotou medidas claras e fortes para a adaptação dos imigrantes no sentido de torná-los cidadãos argentinos, como foram o serviço militar, a reforma política com a criação do sufrágio universal e a educação com forte presença do ensino cívico”. Prossegue a autora, recorrendo agora a uma das grandes especialistas na questão das políticas linguísticas da época:

Os estudos de Di Tullio (2010), aponta Menezes, “mostram que a escola coibia o uso de outras línguas não apenas dentro dela, mas também nos lares dos alunos. Empregava-se para tal, inclusive, a depreciação do linguajar que apresentasse marcas de estrangeirismos, sendo esse modo de expressão associado à inferioridade social e intelectual, em oposição ao bem falar *criollo*, marca de ascensão econômica e social. (Menezes 2012: 36)

Acrescenta Frydenberg (2011: 126): “Diferentemente da sociedade configurada entre as últimas décadas do século XIX e as duas primeiras do XX, na década de 20 surgiu outra, cada vez argentinizada [...]”. Segundo o autor, foi um momento em que se desenvolveram três tipos de entidades fundamentais a essa argentinização da sociedade portenha: a escola (responsável, junto com a popularização das bibliotecas, pela difusão de uma simbologia nacional, inclusive em termos linguísticos, de cultura letrada), a associação local (instância intermediária entre a população e o poder público) e o clube esportivo. O corolário disso: “As associações de base étnica retrocederam e aquelas com base territorial –que não se agrupavam por nacionalidades, mas pelas necessidades postas pelo novo espaço urbano e pelo local de residência– cresceram em importância” (Frydenberg 2011: 126).

Era o incipiente processo de criação das rivalidades barrísticas que, no entanto, como vimos, *Crítica* manobraría no sentido do nacional ou, vimos também, do regional riopratense. E a força do jornal nesse processo não pode ser ignorada quando se atenta para outro dado fornecido, ainda, por Frydenberg (2011: 139): “*Crítica* era, nos anos 20, o diário de maior tiragem em língua castelhana”. Mas e quanto aos confrontos de argentinos contra “europeus”, ou seja, ingleses?

Primeiramente, é significativo que, nesse período de formação do mundo moderno de nações sobre o qual nos debruçamos, tenhamos de nos contentar, para uma análise da relação Argentina-Inglaterra, com alguns jogos entre selecionados argentinos um pouco improvisados (por vezes combinados dos times de Buenos Aires apenas) e clubes ingleses em visita ao país, pois a primeira

partida entre as seleções, propriamente ditas, argentina e inglesa, só se daria em 1951, em Londres. Embora as turnês desses times britânicos (a maioria ingleses mesmo, mas um, ao menos, escocês, o Third Lanark) já viessem acontecendo desde 1904, quando da visita pioneira do Southampton, nosso breve comentário se concentra nos textos de *Crítica* relativos às passagens de Plymouth Argyle e Chelsea, respectivamente em 1924 e 1928, por terras portenhas.

O que se constata, nas amostras que pudemos colher, é ainda uma indefinição pronunciada quanto ao pertencimento nacional na Argentina – embora, indubitavelmente, na crônica esportiva, fossem argentinos contra ingleses (ou, mais genericamente, britânicos). Ao mesmo tempo, o crioulismo do estilo local deixa de ser tão exaltado; um colunista chega a afirmar que, porque ele ainda persiste no jogador portenho, este “peca de irregularidade” (“peca por irregularidade”).⁹ Há, por fim, uma insurgência de *Crítica* contra a suposta exposição desnecessária da equipe nacional em formação a confrontos contra “meros” clubes: finalmente um nacionalismo encarnado na seleção do país, status que é reivindicado, uma vez mais, no discurso dominante de um jornal de massa.

Mas a diferenciação dos estilos de jogo ainda se fazia, por parte de *Crítica*, comparando-se o jeito sul-americano ou riopratense ao inglês, e principalmente como afirmação contra aqueles que, afinal, haviam ensinado os próprios argentinos a jogar. É o que transparece nas “Breves considerações sobre o jogo [match]”, ainda a respeito da estreia portenha na série contra o Plymouth Argyle: “El football rioplatense ha llegado a tal perfección que es imposible pretender nuevas enseñanzas”;¹⁰ ou nas manchets narrando a passagem do Chelsea, em 1928: “El Chelsea constituye un equipo que desarrolla un juego sudamericano”.¹¹

Ao final da década, cansado das acidentadas visitas desses clubes, como dissemos, *Crítica* assumirá a defesa do que, em submanchete de 1929, chama de “o valor do futebol argentino”.

3. *Considerações finais*

Retomemos, por fim, as questões que deram, por assim dizer, o pontapé inicial para nossa reflexão sobre história, tradução cultural e discurso: no cômputo geral, acreditamos ter contemplado diferentes aspectos da questão principal, acerca de como se lia e traduzia o futebol em situações como as da cobertura de *Crítica*.

Sobre se o discurso do jornal era ou não marcadamente nacionalista e reforçado pela narrativa de um estilo no futebol com simbolismo equivalente ao da língua e da literatura nacionais, particularmente na relação com os vizinhos uruguaios (igualmente falantes/leitores do castelhano), a análise dos textos de *Crítica* mostrou um movimento de construção, por parte do jornal, de um discurso nem tanto nacionalista quanto regionalista, em que a afirmação da nação argentina, de sua *língua futebolística* (suposto estilo), se fazia menos por

uma apologia da oposição a um rival histórico como o Uruguai do que pela exaltação dos povos sul-americanos contra os europeus, ingleses incluídos nessa categoria generalizante.

Também nos perguntávamos, no início deste texto, se aquela embrionária seleção argentina era considerada representativa do verdadeiro estilo do país; e, ainda, se os clubes britânicos visitantes eram vistos como representantes de uma *nação* adversária. Nesse ponto, constatamos uma defesa –embrionário nacionalismo, agora sim– da seleção argentina como representação de status superior a qualquer clube, especialmente em relação aos visitantes vindos da Inglaterra, cujas turnês em terras portenhas se deram periodicamente ao longo das três primeiras décadas do século passado.

Na vida cotidiana (inclusive em campo), verificamos que a indefinição em torno da questão nacional ainda imperava.

Um último caso ajuda a ilustrar esse aspecto. Conforme relatou a legenda de uma fotografia publicada após o primeiro jogo entre o selecionado argentino e o Plymouth Argyle, em 1924: “El referee presenta a los capitanes, quienes se saludan en sus respectivos idiomas: *I have much pleasure to salute you – Me sun tanto piaceroso, mister.*”¹² O capitão inglês, Russell, faz a saudação, como é óbvio, em inglês; o capitão argentino, e goleiro da equipe, Tesorieri, em dialeto genovês – informa, noutro momento, a própria cobertura da turnê.

Era como se o jornal, sem dúvida –é o que esperamos ter demonstrado nesta análise de discurso– um dos amálgamas da nação via vernáculo espanhol impresso (num país que concentrava sua população na própria área de circunscrição do jornal, a capital Buenos Aires), uma vez mais, como no episódio em que deu voz a seus leitores, constatasse a prevalência de certas culturas nativas –expressas em dialetos, por exemplo– e a necessidade de colocá-las sob o guarda-chuva comum da língua e, quem sabe, de uma *língua futebolística* também, pois jogadores de origem italiana (genovesa, se quisermos falar de pátrias mais específicas) e torcedores de extração imigrante diversa, personagens que vimos retratados em *Crítica*, se davam as mãos em torno de um nascente time nacional e de seu possível estilo único.

Procuramos, assim, dar contornos concretos, no caso argentino, ao que Benedict Anderson chama de comunidade imaginada, tanto a da língua nacional, ainda que compartilhada por outros povos, quanto a do discurso (ou da narrativa) específico(a) sobre um símbolo aparentemente tão poderoso quanto a língua em si, àquela altura: um suposto estilo próprio de jogar futebol.

NOTAS

- 1 Coleção em microfilme de *Crítica* disponível na Biblioteca Nacional de Buenos Aires.
- 2 “Atualmente, *Crítica*, e o público bem sabe disso, é o único diário a contar, no grande estádio de Amsterdã, com um especialista em futebol e outros esportes

- em geral. Daí que suas informações, crônicas e comentários são os mais velozes e, diga-se sem jactância, os melhores.” (Edição de 31/5/1928, primeira página)
- 3 “Já estão em solo argentino os macaquinhos. [...] Nós os vimos a passear pelas ruas aos saltinhos. [...] Se há uma gente que nos parece altamente cômica é a brasileira. São elementos de cor que se vestem como nós e pretendem se misturar à raça americana, gloriosa por seu passado e grande por suas tradições.” (Edição de 3/10/1920, p.2)
- 4 Edição de 9/6/1924, p.2.
- 5 Edição de 10/6/1924, p.9.
- 6 “Um campeonato universal tem importância indubitável. Dá prestígio ao país que o ganha e ao mesmo tempo é um estímulo que intensifica a prática dos exercícios saudáveis. O triunfo é nosso, também, e de todos os povos sul-americanos, porque dessa forma demonstramos o vigor, a destreza, a habilidade de uma raça jovem que trabalha com entusiasmo em todos os setores da vida.
“[...] O povo argentino adere, entusiasta, ao clamor de júbilo que emana, neste momento, das multidões uruguaias. [...]” (Edição de 9/6/1924, p.2)
- 7 “Nós, como cabe a nosso cavalheirismo desportivo, saudamos com júbilo os vencedores, reconhecendo uma vitória que, fosse obtida por um ou outro lado, haveria de satisfazer sempre o espírito continental que fez prevalecer o futebol desta parte do mundo sobre o europeu e que, por fim, teve de se definir [...] entre as equipes riopratenses. [...]”
“[...] nossa saudação aos campeões olímpicos, já que sua vitória é duplamente grata, uma vez que, para obtê-la, tiveram de lutar com os argentinos até que se impusesse a superioridade do futebol riopratense sobre o futebol amador da Europa e do resto da América.” (“Ganharam o título”, edição de 13/6/1928, p.1) O adjetivo “amador”, aqui, não nos parece pejorativo, pois a profissionalização do futebol, no mundo todo, ainda não era uma realidade consolidada.
- 8 Edição de 12/6/1928, p.4.
- 9 “A los Inglesitos del Chelsea, por José Gabriel”, edição de 24/5/1929, p.17.
- 10 “O futebol riopratense chegou a tal perfeição que é impossível esperar novos ensinamentos.” (Edição de 23/6/1924, p.13)
- 11 “O Chelsea constitui uma equipe que desenvolve um jogo sul-americano.” (Edição de 24/5/1929, capa de *Crítica Deportes*.)
- 12 “O juiz apresenta os dois capitães, que se saúdam em seus respectivos idiomas: *‘I have much pleasure to salute you’* – *‘Me sun tanto piaceroso, mister.’*” (Edição de 22/6/1924, p.5)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDERSON, B. 2008. *Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo*. São Paulo: Companhia das Letras.
- DAMO, A. 2005. *Do dom à profissão: uma etnografia do futebol de espetáculo a partir da formação de jogadores no Brasil e na França*. Tese de doutorado. Porto Alegre, UFRGS.
- ECO, U. 2007. *Quase a mesma coisa: experiências de tradução*. Rio de Janeiro: Record.
- FRYDENBERG, J. 2011. *Historia social del fútbol*. Buenos Aires: Siglo XXI.

- GIULIANOTTI, R. 2002. *Sociologia do futebol: dimensões históricas e socioculturais do esporte das multidões*. São Paulo: Nova Alexandria.
- GUEDES, S.L. 2002. De Criollos e Capoeiras: notas sobre futebol e identidade nacional na Argentina e no Brasil. Exposição realizada no *XXVI Encontro Nacional da ANPOCS*, Caxambu-MG, 22 a 26 de outubro de 2002.
- MAINGUENEAU, D. 2004. *Análise de textos de comunicação*. 3ª ed. São Paulo: Cortez.
- MAINGUENEAU, D. 2010. *Doze conceitos em análise do discurso*. São Paulo: Parábola Editorial.
- MENEZES, A. dos S. 2012. *Entre pátrias, pandeiros e bandoneones: o embate entre vozes marginais e disciplinadoras em composições de samba e tango (1917-1945)*. Tese de doutorado. São Paulo, USP.
- SAÍTTA, S. 1998. *Regueros de tinta: el diario Crítica en la década de 1920*. Buenos Aires: Sudamericana.

CHRISTIAN L. M. SCHWARTZ é graduado em Comunicação Social – Jornalismo pela Universidade Federal do Paraná – UFPR (1997), em Curitiba, Brasil, e cumpriu créditos do Master of Arts in Literary Studies na University of Central England – UCE (2002-2003), em Birmingham, Inglaterra, etapa de sua formação que concluiu na UFPR (2005-2007), obtendo o título de Mestre em Estudos Literários. Atuou como jornalista profissional em grandes veículos da imprensa brasileira, como as revistas Placar e Veja e a rádio CBN, tornando-se professor a partir de 2002. É também tradutor do inglês para o português de cerca de 25 obras de ficção e não-ficção. Recém-doutorado pelo Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade de São Paulo – USP (2010-2014), com tese sobre futebol e tradução cultural cujos dados de campo foram coletados como pesquisador visitante do Centre of Latin American Studies – CLAS (2013), da Universidade de Cambridge, Inglaterra, segue atuando como pesquisador do Ludens – Núcleo Interdisciplinar de Estudos sobre Futebol e Modalidades Lúdicas, na USP.

Correio eletrônico: clmschwartz@gmail.com